

Caiu na rede é peixe? Uma análise semiolinguística do conto “A dona boazuda” publicado no jornal Lampião

Josivelto Cardoso Pereira¹

Marcus Antônio Assis Lima²

Resumo: Com o intuito de dar voz ao público LGBTQIAP+, em plena ditadura militar brasileira, surge o jornal Lampião, impresso voltado ao público “guei” que, em suas publicações, denunciava a violência contra as pessoas LGBTQIAP+, sendo uma forma de resistência aos padrões heteronormativos que controlavam os comportamentos sociais. Tendo como foco o conto “A dona boazuda”, publicado na editoria literária do jornal Lampião, Ano I, Nº 4, Ago/Set, em 1978, do autor Pedro Hilário, o presente artigo busca demonstrar a aplicabilidade dos preceitos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Semiolinguística, desenvolvida por Patrick Charaudeau (2019), a fim de analisar as interações comunicativas entre os sujeitos do discurso nos diferentes atos de comunicação. Além disso, buscamos discutir sobre os atos languageiros e o contrato de comunicação que rege o conto enquanto materialidade discursiva.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Conto; Jornal Lampião; Semiolinguística.

Fell in the net is a fish? A semiolinguistic analysis of the story “A dona boazuda” published in the jornal Lampião

Abstract: In order to give voice to the LGBTQIAP+ public in the middle of the Brazilian Military Dictatorship, the Lampião newspaper appears, a printed matter aimed at the “gay” public that in its publications denounced violence against LGBTQIAP+ people, resisted the heteronormative standards that controlled social behaviors and, moreover, sought to break the stereotypes of “gays”, showing them as human beings with rights and duties. Focusing on the short story “A dona

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: Jhoucardoso@hotmail.com.

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e do Programa em Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. (PPGCEL/UESB). E-mail: malima@uesb.edu.br.

boazuda”, published in the literary section of the newspaper, Ano I, Nº 4, Aug/Sep, 1978, by the author Pedro Hilário, this article demonstrates the applicability of the theoretical precepts developed by the French linguist Patrick Charaudeau (2019) in his discourse analysis theory, whose main focus is on the interaction between subjects within the communication situation. Furthermore, we seek to discuss linguistic acts and the communication contract that governs the story as a discursive materiality.

Keywords: Discourse Analysis; Tale; Lampião Newspaper, Semiolinguistics.

Preliminares

Em um período de cerceamento da liberdade de expressão e de perseguição aos meios de comunicação decorrente do regime militar de 1964 a 1985, surge uma “luz” – O Jornal Lampião – que trouxe discussões a respeito da sexualidade, entre outros assuntos tabus da época, sendo o primeiro a abordar a homossexualidade de forma pontual. Tendo como carro-chefe as grandes-reportagens, o Lampião possuía também outras editorias, tais como: carta do leitor, entrevistas com grandes personalidades da época e, na maioria das vezes, o jornal se encerrava com a editoria literária que utilizava de poemas, crônicas, fragmentos de novelas ou contos para relatar histórias eróticas, de violências e de solidão que se referiam ao “guei” como um ser perseguido e subjugado.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o conto “A dona boazuda” publicado no jornal Lampião, na editoria literária, importante veículo de comunicação voltado ao público “guei”, palavra cunhada pelo impresso, abrandando assim o termo “gay”, durante a ditadura militar brasileira. A análise discursiva será feita tendo por base os atos linguageiros, o contrato que rege a comunicação e a aplicabilidade do Quadro de Situação de Comunicação – postulados teóricos da AD Semiolinguística, desenvolvidos por Patrick Charaudeau (2019), importante linguista de reconhecimento internacional no campo dos estudos do discurso.

A escolha do quadro dos sujeitos do discurso presente na Semiolinguística para a análise do conto “A dona boazuda” se deu pois, na perspectiva da análise do discurso aqui utilizada, todo ato de linguagem, seja falado ou escrito, é uma representação comandada por sujeitos internos à comunicação, que são os “seres de papel”: o sujeito-enunciador e o sujeito-destinatário, projetados,

respectivamente, pelo sujeito-comunicante e o sujeito-interpretante – sujeitos reais, empíricos, pertencentes ao mundo externo à comunicação.

Cabe ressaltar também que buscamos mostrar a importância do jornal *Lampião* sendo o primeiro em nível nacional a abordar sobre a questão da sexualidade, com o foco principalmente na homossexualidade, além de ser uma importante arma de luta contra a repressão e o preconceito fortemente endurecidos durante a ditadura. Por isso, é importante dizer que o *Lampião* foi um marco na história da imprensa brasileira, de grande relevância, não apenas por nós, pessoas LGBTQIAP+, mas também por todos que desejam compreender sobre a construção política, social e cultural do nosso país.

1 No escuro nunca é mais gostoso: acende o lampião!

No final da década de 1970, o jornalista, ativista LGBTQIAP+ e editor-chefe da revista *Gay Sunshine Press*, de São Francisco, Califórnia, Winston Leyland, veio até o Brasil em busca de autores nacionais com o intuito de reunir textos para uma coletânea sobre a literatura homoerótica da América Latina. E, mesmo com o AI-5 em vigor no país que impunha a censura a diversas criações artísticas e intelectuais, Leyland incentiva e propõe a um grupo de jovens pensadores assumidamente “guei” a criar um jornal destinado aos homossexuais brasileiros (RODRIGUES, 2015). Assim, em 1978, nasce o jornal *Lampião*.

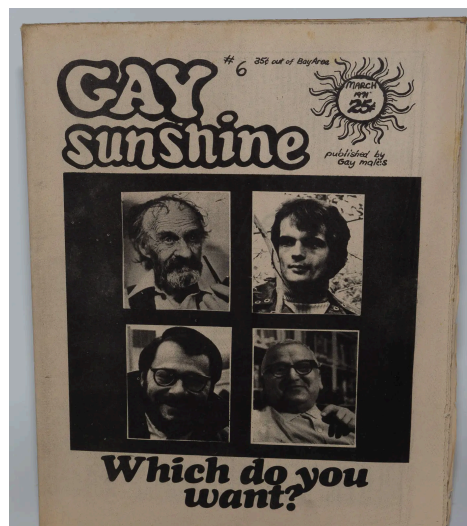


Figura 1 – Jornal *Gay Sunshine*, de março de 1971, dos Estados Unidos que inspirou ao Jornal “O Lampião da Esquina”, aqui no Brasil.

O surgimento do *Lampião* faz parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira. O jornal também chamado de “O *Lampião* da Esquina” foi o primeiro, em nível nacional, a abordar a questão da sexualidade, e principalmente da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito fortemente recrudescido durante a ditadura militar (RODRIGUES, 2015).

Renan Quinalha (2021) em seus estudos evidencia que enquanto a grande imprensa da época ditatorial trazia a representação do homossexual como ser estigmatizado e discriminando a sexualidade dissidente, em que estes eram sempre associados à criminalidade, com charges e ilustrações de forma satíricas, o jornal *Lampião* surge contra esse tipo de fazer jornalismo.

Afastando-se da tentação de abordar o tema da sexualidade de modo negativo, como se os homossexuais fossem apenas vítimas e não sujeitos da sua própria condição, o jornal propunha a tratar não somente “da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio”, como algumas das diversas facetas da violência homofóbica, mas também “soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador”. (QUINALHA, 2021 p. 147).

O conselho editorial que deu início ao jornal *Lampião* era formado pelo desenhista e artista plástico Darcy Penteado; o advogado João Antônio Mascarenhas; o jornalista João Silvério Trevisan; o crítico de cinema e professor Jean-Claude Bernardet; o jornalista e escritor Aguinaldo Silva e o antropólogo Peter Frey. Com o decorrer do tempo, outros nomes foram se juntando ao grupo de idealizadores como: Adão da Costa, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt e Gasparino Damata.

Almeida (2019) explica que o nome “*Lampião*” foi escolhido fazendo uma referência ao rei do cangaço muito conhecido pelos brasileiros por sua coragem e valentia, além da alusão de iluminar as cabeças das pessoas para novos pensamentos e condutas sociais. Com o uso do sarcasmo, do humor e de vocabulários “gueis”, o jornal não tratou somente de assuntos ligados à homossexualidade, mas também debateu temas polêmicos, como feminismo, aborto e discriminação social, e reportagens leves que falavam sobre ecologia, arte, entre outros assuntos.

Como a maioria do conselho editorial morava no Rio Janeiro, o *Lampião* era editado e impresso por lá. No entanto, por possuir membros em São Paulo, facilitou a distribuição no eixo Rio-São Paulo antes de ser distribuído para todo o Brasil. As primeiras publicações eram destinadas a um grupo pequeno de pessoas devido ao medo da repressão da ditadura: “O número zero do jornal

foi entregue na casa de alguns escolhidos protegidos por um envelope de papel pardo, como forma de não comprometer quem recebesse.” (RODRIGUES, 2015, p. 91).

O carro-chefe do Lampião era as grandes reportagens que, em sua grande maioria, fazia denúncia da violência, do preconceito e de acontecimentos do cotidiano gay no Brasil e no mundo. Um tema constante no jornal era o universo das travestis, relatando as performances nos teatros, a prostituição, a perseguição e o preconceito sofrido; também houve textos que falavam das mudanças corporais dos/as transexuais, do perigo e do preço cobrado pela mudança de sexo e da proibição dessa cirurgia pelo governo brasileiro. Além das pautas sobre a comunidade gay, o Lampião também debateu o racismo, o machismo, a luta feminista e o movimento Ecologistas, frisando a preservação ao meio ambiente e às reservas de águas potáveis brasileiras.

O jornal também apresentou em suas páginas entrevistas, críticas de cinema e literárias, notícias, artigos de opinião e humor, cartas dos leitores, contos e poesias. Em quase quatro anos de vida, o jornal não perdoou aqueles que eram homofóbicos, e as notas de desagrado a outros veículos de comunicação ou a figuras ilustres eram constantemente publicadas. Nos seus últimos anos de vida, começam a aparecer publicações de nus masculinos, o que foi evitado durante muito tempo.

Apesar dos textos jornalísticos tomarem quase todas as páginas do jornal, a editoria literária foi de grande relevância. Apresentada no meio ou na última página, esta trouxe ao grande público autores/as homossexuais que, através dos contos, poemas, fragmentos de novela, de peças teatrais e de romances narravam os amores, o sexo, a solidão, os desejos, os prazeres e, principalmente, a luta para continuarem existindo.

Ricardo Afonso-Rocha (2020) em seus estudos sobre a literatura homoerótica publicada no Lampião, analisando os textos literários, esclarece que “a literatura lampiônica não representa vítimas de uma sociedade lesbo-trans-homofóbica, mas re(a)presenta a resistência homoerótica ao regime cis-hetero-militar.” (AFONSO-ROCHA, 2020, p. 65). Logo, fica evidente que os textos literários publicados não eram somente para deleite do leitor como forma de escape à realidade, mas levar à reflexão das vivências homossexuais e suas lutas diárias.

2 Um sujeito simples buscando explicar os preceitos teóricos da Semiologia

Iniciando uma breve reflexão da denominação dada por Charaudeau (2019) à sua teoria, a Semiologia, notamos que: no momento em que os sujeitos da comunicação ouvem ou leem

algo recorrem não somente ao signo verbal, mas também ao não verbal, à semiótica. Logo, o linguista explica como um método duplo:

E por antecipação, diremos que uma análise semiolinguística do discurso é Semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui na intertextualidade. Esta última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair delas possíveis significantes. Diremos também que uma análise semiolinguística do discurso é Linguística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguageiros. (CHARAUDEAU, 2019, p. 21).

Desbravando a teoria semiolinguística, encontramos o sintagma “atos de linguagem” que, para Charaudeau (2019), vem substituir o termo “enunciado”. Para a pesquisadora Ida Lúcia Machado (2016, p. 27) o ato de linguagem pode ser “visto como um ato comunicativo, onde o “eu” que fala ou escreve se dirige a um “tu”, em determinado local, hora e situação, ato este carregado de intenções e motivado por uma visada de influência.”

Convém esclarecer que todo ato de linguagem está inserido dentro de um contrato de comunicação, este, oferece aos sujeitos do discurso diretrizes para conduzir um ato languageiro: “O contrato vai definir a situação na qual se encontram os sujeitos-comunicantes (quem fala ou escreve, quem escuta ou quem lê, para simplificar bem). Cada discurso exige um tipo de contrato.” (MACHADO, 2016, p. 27). Charaudeau (2019) aponta que todo ato languageiro possui quatro sujeitos: dois reais e dois fictícios que, ao se comunicar, estabelecem entre si o contrato de comunicação³.

Na AD Semiolinguística, não há apenas dois sujeitos do discurso, geralmente chamados de emissor/receptor, mas um desdobramento desses sujeitos que estão inseridos em uma situação comunicacional e desempenham papéis na encenação discursiva. Essa divisão dos sujeitos em quatro seres distintos na produção de um ato languageiro separa-se em dois mundos: o mundo real no qual estamos inseridos como seres sociais e o mundo do dizer, ou seja, o mundo do discurso, das palavras.

Fig. 1 – Quadro de Situação de Comunicação desenvolvido por Charaudeau (1983) com modificações de Ida Lucia Machado (2016)

³ Segundo Charaudeau (2019), o contrato de comunicação, a grosso modo, refere-se aos elementos necessários para que as trocas languageiras entre os sujeitos do discurso possam ocorrer de forma plena ou não.



Fonte: MACHADO, 2016, p. 38

No quadro acima, no circuito externo à comunicação encontram-se os sujeitos históricos ou empíricos que organizam seu mundo vivido no mundo languageiro, que são: o sujeito-comunicante/eu-comunicante e o sujeito-interpretante/tu-interpretante, enquanto que no circuito interno apresentam-se os sujeitos de fala ou seres de papel: o sujeito-enunciador/eu-enunciador e o sujeito-destinatário/tu-destinatário.

Os sujeitos do circuito externo são seres que carregam consigo uma identidade social, psicológica, inseridos em um determinado histórico. Deste modo, Machado (2016) explica que neste circuito temos um emissor que seria o autor ou o locutor denominado de sujeito-comunicante; ser de existência real com uma identidade social. O sujeito-comunicante se dirige a um receptor podendo ser um ouvinte ou leitor, o sujeito-interpretante, que também é uma pessoa real independente do seu parceiro, já que este pode atender, ignorar ou transgredir os propósitos do sujeito-comunicante, haja vista que o sujeito-interpretante é quem lê ou interpreta um ato de linguagem, podendo, assim, não cumprir o contrato de comunicação.

Os sujeitos da fala, pertencentes ao circuito interno, são vinculados ao discurso e nele se constroem: “Do lado de dentro do quadro, temos a dupla sujeito-enunciador e sujeito-destinatário, a ocupar o espaço do dizer, onde a palavra circula, o simbólico mundo do papel.” (MACHADO, 2016, p. 39). Assim, podemos compreender o sujeito-enunciador como uma entidade do discurso,

uma imagem de si mesmo que o sujeito-comunicante projeta ao seu sujeito-interpretante. Já o sujeito-destinatário é outro ser do mundo das palavras, sendo este uma imagem projetada pelo sujeito-interpretante, ou seja, leitor/ouvinte ideal.

Para produzir um ato de linguagem, o sujeito-comunicante organiza/transforma/transpõe (por meio de um scriptor) seu mundo em mundo de palavras: ele “delega” a palavra (falada ou escrita) a um Sujeito-enunciador que por sua vez, se dirige a um repector-idealizado, aqui chamado de sujeito-destinatário. Tal repector-idealizado é apenas uma projeção do que pode vir a ser um sujeito-interpretante verdadeiro, é uma imagem ou expectativa deste (mais ou menos conforme, mais ou menos próxima. Ou não). (MACHADO, 2016, p. 39).

Para uma melhor compreensão do que foi exposto acima, vamos à prática! Nas páginas seguintes, faremos uma análise do conto “A dona boazuda”, escrito por Pedro Hilário e publicado no Jornal Lampião, utilizando como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Semiolinguística.

3 Qual sujeito será que ele é?

“Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni”
(Geni e o Zepelim, Chico Buarque)

Nesta seção, o conto “A dona boazuda”, de Pedro Hilário, será analisado aplicando o quadro dos sujeitos do discurso, proposto por Charaudeau (2019) na teoria Semiolinguística, exposto nas páginas anteriores. O conto foi publicado no Jornal Lampião, periódico alternativo voltado para o público “guei”, na editoria literária, no Ano 1, Nº 4, de 25 de agosto a 25 de setembro de 1978.

Antes de partirmos para a análise propriamente dita, é necessário evidenciar que na edição de número quatro do jornal Lampião da Esquina, a chamada de capa em letras garrafais sobre um fundo vermelho foi: “TRAVESTIS! (Quem atira a primeira pedra?)”. A matéria foi inserida na seção de “Reportagem” e ao tema foram dedicadas duas páginas, acompanhadas de 10 fotografias de travestis bem vestidas e sorridentes, divididas em duas reportagens e uma resposta à carta de leitor. Portanto, é baseado nessas informações extralinguísticas juntamente com as reportagens que a personagem do conto “A dona boazuda” foi identificada como travesti e não transexual⁴.

⁴ Conforme visão da época, pessoas transexuais eram somente aquelas que realizavam cirurgia de redesignação sexual de acordo com a genitália a qual se identificavam, por isso, optamos em referenciar Dona Boazuda enquanto travesti.



Figura 2 – Foto da capa do Jornal Lampião Ano I, Nº 4

A situação de comunicação é o conto “A dona boazuda”, que tem como finalidade denunciar as violências direcionadas aos corpos LGBTQIAP+, principalmente de pessoas trans e travestis, ao mesmo tempo que estes são desejados. O sujeito-comunicante é o escritor sem dados biográficos em nenhum meio de comunicação impresso ou digital, Pedro Hilário, que escreve para um sujeito-interpretante que goste de ler textos literários ou que tenha acesso ao Jornal Lampião que, por sua vez, é um veículo de comunicação voltado ao público “guei”, produzido e divulgado em plena ditadura militar brasileira. O conto, escrito em 1978, continua atual, visto que traz em sua essência uma crítica à violência as pessoas LGBTQIAP+. O plano de fundo, levando em consideração algumas passagens do texto, é o período da ditadura militar – época do “boom” econômico quando o Brasil inicia uma fase de desenvolvimento com a construção de grandes rodovias e grandes prédios.

De enredo simples, “A dona boazuda” narra o encontro amoroso/sexual/violento entre um trabalhador de uma construção civil e uma travesti. A história é contada do ponto de vista de um sujeito-enunciador-astuto, esperto, que, de início, se deixa enganar pelas aparências, mas que sempre tira proveito das situações, levando para si somente os bônus. É importante frisar que o sujeito-enunciador ao longo do texto vai se desdobrando em vários outros sujeitos para esconder uma aparente bissexualidade e enganar os colegas de quarto, haja vista que, para explicar os seus envolvimento sexual, o sujeito-enunciador-astuto diz: “Quando a gente tá a seco, qualquer cachaça serve... e a gente bem que gosta. Então, não?” (HILÁRIO, 1978, p. 20, **negrito nosso**).

Dando continuidade à análise, é importante esclarecer que a bissexualidade é a orientação sexual na qual a pessoa se atrai de maneira sentimental e ou/sexual por dois ou mais gêneros. Baseando-se na passagem acima, fica evidente que o sujeito-enunciador-astuto, no período de carência sexual, não escolhia gênero. Logo, o que aparecesse já o deixava por satisfeito.

A voz que inicia a narração é de um sujeito-enunciador-surpreso-galanteador que pertence ao mundo das palavras. O sujeito-enunciador-galanteador-surpreso relata aos colegas de quarto o momento em que se depara com uma mulher bonita, parada numa esquina, ao lado de uma grande construção civil. Apelidada de “Dona Boazuda”, a moça percebe o interesse do sujeito-enunciador-galanteador-surpreso e faz sinal para ir ao seu encontro: “(...) quando eu vi a tal boazuda parada ali naquela esquina, me arrepiei que nem galo de briga e só falei cair duro pra trás, no que ela atravessou a rua e fez sinalzinho assim, pra mim. Ai que fiquei doido de vontade.” (HILÁRIO, 1978, p. 20, **negrito nosso**).

A expressão popular “arrepido igual galo de briga” pode ser compreendida como um momento de demonstração de força, deixar o corpo mais musculoso, pois quando o galo de briga arrepia é justamente para levantar as penas e deixar o seu corpo maior que o normal. Ao utilizar esse termo, o sujeito-enunciador-galanteador-surpreso leva a entender que ficou excitado, ereto, puxou ar para ficar mais volumoso, atlético e chamar a atenção da mulher que está na esquina iniciando o momento de galanteios, de demonstração de interesse amoroso/sexual; enquanto que o “quase cair duro pra trás” é utilizado para demonstrar surpresa, admiração ou estar impressionado com algo e essa surpresa se dá justamente por ter sido correspondido amorosamente por ela que o chama para ir até o seu encontro.

Quinalha (2021) elenca três fatores que faziam as travestis alvos fáceis de ataques violentos tanto pela força policial, quanto pela ordem civil:

Primeiro por elas, diferentemente de alguns homossexuais que escondiam a orientação sexual no armário, não podiam ocultar sua identidade de gênero do mesmo modo que os gays e lésbicas. Segundo, porque geralmente elas estavam mais expostas em locais públicos por se dedicar, profissionalmente à prostituição, diante da falta de oportunidade no mercado de trabalho. Terceiro, porque já sofriam duramente a repulsa da sociedade por conta do estigma criado em torno delas e das prostitutas que habitam esses territórios marginais. (QUINALHA, 2021, p. 55).

E são justamente esses motivos que desencadeiam a voz do sujeito-enunciador transfóbico, já que o encontro do sujeito-enunciador-galanteador-surpreso com a Dona Boazuda ocorre numa

esquina, o que pode ser um indício de que ela trabalhava na prostituição. Logo após esse encontro, o sujeito-enunciador-galanteador-surpreso a leva para um local escuro, longe dos olhares dos passantes para uns “pegas mais quentes” e, nesse momento de carícias mais íntimas, que vem a descoberta da travestilidade, e o sujeito-enunciador-transfóbico entra em cena para se comunicar com um sujeito-destinatário-transfóbico. O adjetivo “transfóbico” utilizado como característica dos sujeitos ao analisar o conto “A dona boazuda” é devido ao fato da transfobia ser um conceito para designar as múltiplas formas de violência contra as pessoas transexuais e travestis.

Sujeito-enunciador-transfóbico é a voz que demonstra a frustração ao perceber que a dona boazuda era na verdade uma travesti, e não uma “mulher”, ser de vagina, como ele tinha idealizado, imaginado e, após esse momento, inicia-se os atos de violência: “Mas ali no escuro, não dava para ver. Levei a mão. Nem vão acreditar no que eu segurei. Pois, a boazuda era um tremendo de um macho, igual a mim, que nem vocês mesmos.” (HILÁRIO, 1978, p. 20, negrito nosso). A violência do sujeito-enunciador-transfóbico começa de forma simbólica, ao utilizar os termos masculinos “tremendo de um macho” para se referir a travesti, evitando chamá-la de mulher. Ou seja, a violência simbólica ocorre quando o sujeito-enunciador-transfóbico não reconhece a dona boazuda como uma mulher, mesmo ela tendo construído para si uma representação feminina a partir das suas práticas sociais e de seus desejos.

Não se contentando somente com a violência simbólica, o sujeito-enunciador-transfóbico parte para a agressão física: “Dei-lhe uma surra, bati pra valer, pra ensinar o safado a tomar vergonha na cara.” (HILÁRIO, 1978, p. 20, negrito nosso). Podemos dizer que a surra entra como uma forma de correção, de corrigir algo que na visão do sujeito-enunciador-transfóbico está errado. A violência corretiva é baseada na inconformidade do agressor com a sexualidade fora da norma. Dessa forma, o sujeito-enunciador-transfóbico considera a identidade de gênero da dona boazuda como uma transgressão à regra moral, biológica e social, logo, as agressões físicas vêm com a ideia de “cura” sobre aquela considerada por ele como “aberração da natureza”.

Finalizado as agressões físicas, podemos dizer que entra em cena o sujeito-enunciador-arrependido.

Fiquei tomado de pena. Então, não? Me agachei, aí já com remorso e fui levando lá para a bica d’água do alojamento dezesseis, e lavei ele todo porque estava todo sujo de tanto cair na lama durante a pancadaria. Depois fomos pra trás do guindaste de novo e ajudei ele a vestir a roupa. (HILÁRIO, 1978, p. 20, negrito nosso).



O sujeito-enunciador-arrependido aparece após as agressões físicas e nota que a dona boazuda não revidava, somente chorava, criando assim a imagem de uma mulher fraca, indefesa, que não sabia ou não queria revidar a fúria de um homem. É importante salientar que mesmo sendo um sujeito-enunciador-arrependido, o sujeito-enunciador-transfóbico continua atuando com a violência simbólica, ao usar sempre termos no masculino: “ele”, “sujo”, para se referir à dona boazuda sem respeitar a sua identidade de gênero.

Envergonhado pelas agressões físicas, o sujeito-enunciador-arrependido pede perdão a dona boazuda por toda aquela violência: “Se tinha machucado a coitadinha, agora tinha de pedir perdão também. Ela só ia parar de ter medo com um beijo bem gostoso, bem babado de carinho. Isso, entendi logo e, aí, foi justamente o que eu fiz com a boazuda.” (HILÁRIO, 1978, p. 20, **negrito nosso**). Com esse beijo de perdão começa a desenvolver todo um ritual de prazer, com corpos entrelaçados e, assim, o sujeito-enunciador-arrependido dá lugar a um sujeito-enunciador-erótico.

O sujeito-enunciador-erótico vai aparecendo ao longo da narração para relatar ao sujeito-destinatário-libidinoso as façanhas sexuais entre ele e a dona boazuda. Convém informar que o termo “libidinoso” escolhido para caracterizar o sujeito-destinatário se deve pelo fato deste vocábulo ser associado a alguém que tem desejos sexuais com frequência, mas não consegue finalizar o ato sexual/excitar, utilizando-se da leitura como forma de sentir prazer mental.

Portanto, podemos dizer a partir desta análise que o sujeito-enunciador-erótico já começa a aparecer no quarto e no quinto parágrafo na seguinte passagem:

E tratei ela no carinho. Se pedia pra beliscar, eu beliscava. Se queria que eu arranhasse, eu arranhava. Fiz tudo o que pediu, mas na minha vez de pedir o presentão, negou. Pedi para tirar a roupa todinha, até as íntimas tirasse, mas se fez de arrisca e disse “não”. Aí pensei cá com meus botões que aquilo ia ter que ser na surpresa, comecei a dar beijo na dona pra deixar ela tonta e, quando já tava bem crespa de arrepio, eu ...zâs! Arranquei a calcinha (HILÁRIO, 1978, p. 20, **negrito nosso**).

Segundo Antônio Geraldo da Cunha (2007), em seu “Dicionário etimológico de língua portuguesa” a origem do adjetivo erótico está no grego “erōtikos”, relativo ao amor, sensual e lascivo. Assim, o erótico é denominado como descrição e exaltação do amor sexual, da sexualidade e também como uma atitude que privilegia, na vida social e nas manifestações culturais, as formas da vida sexual, considerado como valores absolutos. Nesse contexto Alexandrian (1993, p. 13) em “História da Literatura Erótica” reflete que “(...) considera-se que o erótico é tudo que torna a carne



desejável, tudo que mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável (...).”

Os textos eróticos vêm mostrar os atos sexuais de forma sutil, voltados à insinuação, explorando a sexualidade, corroborando ao surgimento de algum sentimento. Dessa maneira, o erotismo diz respeito ao belo, à estética sexual, a arte de transformar corpos em obras de arte. Diferentemente do pornográfico, o sujeito-enunciador-erótico que se apresenta no conto “A dona boazuda” não tem por intenção excitar o leitor, mas narrar os fatos como aconteceu, mostrando o momento das primeiras carícias, das preliminares para chegar ao ato sexual.

Em um outro excerto do conto, vemos o sujeito-enunciador-erótico descrever em poucas palavras o ato sexual em si: “Fui por trás, peguei nos peitos - cada belotão! - e ela encostou já sem medo, pedia, queria, a boca abertinha. Ah, meu camaradinha, fui que fui e ela gostou que gostou! Quando acabou a festa, vesti ela, cada palmo de coxa eu beijei doce” (HILÁRIO, 1978, p. 20, negrito nosso). Ao utilizar a frase “fui que fui”, deixou transparecer que esse foi o momento de penetração, quando dois corpos se juntam, se encaixam e gozam.

Em um outro trecho, fica evidente a excitação do sujeito-enunciador-erótico ao relembrar dos momentos prazerosos com a dona boazuda: “Fiquei perto de onde está o trator agora, com a mão no bolso, tentando amansar o colibri dentro da gaiola dele, mas o bichinho dava cada pulo, que a calça tava parecendo um circo armado, com o mastro bem teso. (HILÁRIO, 1978, p. 20, negritos nossos). O sujeito enunciador-erótico utiliza-se da metáfora para mostrar toda a sua excitação sexual ao rememorar o ato sexual com a dona boazuda; evidencia para o sujeito-destinatário-libidinoso que o colibri na gaiola nada mais é que o pênis que pulsa dentro da cueca de tão ereto que estava lembrando um circo armado, fazendo todo um volume que era perceptível de longe, por isso, ele coloca a mão no bolso, não somente para amansar, como também para disfarçar toda aquela excitação.

Sendo assim, baseando-se na análise feita, fica evidente que o contrato de comunicação estabelecido entre os sujeitos no conto “A dona boazuda” é de confiança, pois o sujeito-enunciador-narrador confia aos seus colegas de quarto uma noite de aventura sexual que teve com uma travesti. Dessa maneira, ele começa o texto dizendo: “Vou até ser franco com vocês!” (HILÁRIO, 1978, p. 20, negrito nosso). Assim, o adjetivo “franco” diz respeito a falar o que pensa, sendo verdadeiro com suas palavras, sem medo de possíveis interpretações.

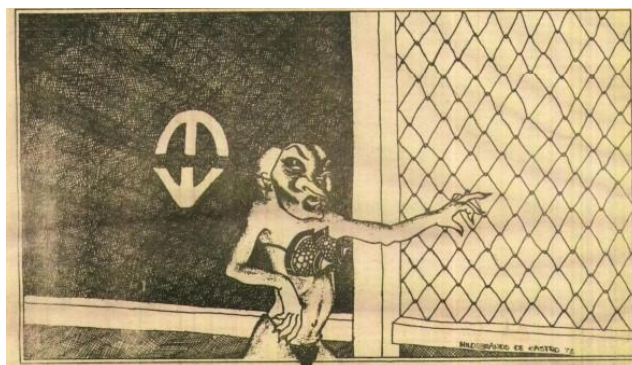


Figura 3 – Ilustração de Dona Boazuda por Hildebrando de Castro (1978)

4 Depois do prazer

Abra sua mente, gay também é gente!
(Mamonas assassinas – Robocop gay)

Visto como um marco na imprensa brasileira, o jornal *Lampião* foi o primeiro que teve sua distribuição em nível nacional, além de ser o primeiro veículo de comunicação de produção profissional feito por “gueis” e para os “gueis”. É importante reconhecer a representatividade dentro do movimento LGBTQIAP+, já que este jornal é uma fonte documental sobre a violação dos direitos humanos pelas quais a comunidade “guei” passou durante a ditadura militar brasileira.

Procuramos evidenciar nesta análise semiolinguística como as travestis foram e continuam sendo objetos de desejos, ao mesmo tempo que são as principais vítimas de violências, tanto físicas como simbólicas, uma vez que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, sendo que no ano de 2021, 131 mulheres travestis e transexuais foram assassinadas, mantendo o país pelo 14º ano consecutivo, em primeiro lugar no ranking dessas violências, conforme dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA⁵.

O conto, escrito na década de 1970, mostra ao leitor as violências cometidas às pessoas LGBTQIAP+, principalmente, às pessoas trans e travestis, e o quanto isso está enraizado em nossa sociedade. Renan Quinalha (2021, p. 33) destacou que:

A função da ditadura era atirar, para a invisibilidade, corpos e coletivos que insistiam em reivindicar o reconhecimento de seus direitos e liberdade. Sem sombra de dúvida, a ditadura deixou um terreno fértil para que práticas de abusos e violências contra LGBTs

⁵ BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. *ANTRA* (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag, 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

seguissem sendo cometidas até hoje por agentes públicos, dada a falta de limites e até mesmo a presença de estímulos a tais atitudes.

Ao colocar em prática a aplicabilidade do quadro dos sujeitos do discurso presente na AD Semiolinguística, por Patrick Charaudeau (2019), ficou evidente que o sujeito-comunicante está sempre criando performance para o sujeito-enunciador transformando-o em seres múltiplos. Convém ressaltar a que análise semiolinguística do conto “A dona boazuda” foi feita por um pesquisador que está na posição de um sujeito-interpretante, que está sujeito a variáveis graus de compreensão do que outro enuncia.

Fonte das imagens

1

<https://www.bolerium.com/pages/books/279621/winston-leyland-paul-mariah-michael-silverstein-ron-ver-non-john-wieners/gay-sunshine-a-newspaper-of-gay-liberation-6-march-1971-which-do-you-want>. Acesso em 06 ago. 2023.

2

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/08-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICA-O-04-AGOSTO-SETEMBRO-1978.pdf>. Acesso em 30 jun. 2023.

3 – HILÁRIO, Pedro. A dona boazuda. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro/ São Paulo, ano 1, nº 4, p. 20- 25 ago. 1978.

Referências Bibliográficas

AFONSO-ROCHA, Ricardo; MITIDIERI, André Luís. Bichas inauguram a utopia: resistência homoerótica na literatura lampiônica. *Raído – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFGD*. v.13. n. 32, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/9498>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

AFONSO-ROCHA, Ricardo. Um Lampião ilumina as esquinas da literatura. *Itinerários – Revista de Literatura*. nº 50. p. 57-82. jan/jun. 2020.

ALEXANDRIAN. *História da Literatura Erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ALMEIDA, Eduardo Alberto de. *Gueis, Bichas e Travestis: o jornal Lampião da Esquina*. Santa Maria: KDP, 2019.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. *ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais)* – Brasília, DF: Distrito Drag, 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.



CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <https://www.patrick-charauveau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2019.

HILÁRIO, Pedro. A dona boazuda. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro/ São Paulo, ano 1, nº 4, p. 20-25 ago. 1978.

MACHADO, Ida Lúcia. *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e suas aplicações nas narrativas de vida*. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidade: repressão, resistência e busca da verdade*. São Carlos: Edufscar, 2015. p. 83 – 121.

